

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

O GLOBO

Certa vez no Brasil

• Em sua narrativa de ontem no Senado sobre a grande conspirata que estaria em curso para eliminar concorrentes e eleger um presidente, se for preciso recorrendo à fraude eletrônica do pleito, o senador e ex-presidente José Sarney lamentou que esse clima "tenha sido criado num governo comandado por pessoas que combateram o arbítrio". É mesmo lamentável que um governo de democratas tenha que ouvir pitos de quem apoiou o arbítrio.

O comentário acima é do petista José Genoino, que, como quase todo o Congresso, viu na dúvida lançada sobre a lisura do pleito o ponto mais grave do discurso de Sarney. Fora isso, a história em sua totalidade parece crível mais pela estruturação do que pela demonstração das acusações. Quem leu "Saraminda" ou "O dono do mar" conhece a qualidade narrativa do escritor José Sarney, de que se valeu ontem o senador para lançar sobre o governo Fernando Henrique a suspeita de fujimorização, e sobre o candidato Serra a marca de um arrivista disposto a chegar ao poder a qualquer preço, sem medir meios e escrúpulos. A eficácia política do discurso virá da opinião pública, a ser traduzida em pesquisas, em particular, nos índices de Serra e de Roseana.

Dos fatos novos e antigos que Sarney enumerou, pairou a ameaça de convocar organismos internacionais para vigiar o pleito e a suspeita de que a Abin, que não é mesmo santa, possa montar uma sofisticada fraude da apuração de votos. E de fato só ela, como disse Sarney, tem a chave criptográfica do programa da urna eletrônica. Os partidos tentaram convencer o TSE a adotar um outro

software, sobre o qual teriam controle técnico, mas o tribunal recusou. Insistiu-se muito na prova impressa do voto, para possível necessidade de recontagem. O TSE optou por fazer apenas uma experiência piloto. Na eleição municipal de 2000, a urna falhou em muitas localidades, obrigando à posterior anulação de um pleito. Lançada como foi a suspeita, o TSE tem a obrigação de demonstrar a segurança do pleito. E os partidos, a de cobrá-la.

Construída ao longo da narrativa a idéia de que estamos todos hipnotizados por um grande olho autoritário, Sarney encerra com o poema do pastor Niemöller sobre a omissão dos que nada fizeram quando o nazismo perseguiu os comunistas, depois os judeus e por fim os católicos. "Então vieram me prender e não havia mais ninguém para protestar".

Entre muitos protestos tucanos contra o discurso, Alberto Goldman fixou-se no poema:

— Ele não deveria ter dito isso. Sou obrigado a recordar que nada fez quando a ditadura cassou os opositores e democratas, prendeu os estudantes e torturou os comunistas.

Tudo isso é mesmo muito lamentável.